

# A Cafeicultura e a Relação Campo-Cidade dos Jovens Rurais de Poço Fundo-MG

---

Thais de Cássia Silva Lemos<sup>4</sup>  
Flamarion Dutra Alves<sup>2</sup>

## Introdução

As transformações no campo com a inserção do capitalismo na agricultura brasileira, sobretudo com a modernização agrícola, pós-década de 1960, com a criação de planos e estratégias do Estado para a introdução da modernização no campo, criou novas funcionalidades ao espaço agrário nacional, alterando o modo de produzir e o que produzir. Processo que intensificou com a criação de políticas neoliberalistas voltadas à exportação, onde as regiões alteraram seus espaços como forma de atender os interesses da mundialização agrícola.

Esse processo fez com que algumas culturas ganhassem destaque, substituindo outras culturas, como é o caso do café na região do Sul de Minas, maior produtora de café do país, que ganhou ainda mais destaque na década de 1990, com a entrada de multinacionais e fortalecimento das exportações. O café insere nesses espaços ocupando lugares de outras culturas, no primeiro momento esse processo é viável e importante, visto que contribuiu e continua contribuindo para a economia local de diversos municípios da região. Por outro lado, a substituição de culturas de produtos essenciais como arroz e feijão levam a falta deles.

A mundialização da agricultura não altera apenas o modo de produzir, mas também a relação entre campo-cidade que são alterados para atender as demandas do capital e da produção, no caso da região do Sul de Minas, o café, principalmente das pequenas cidades, que por dependerem economicamente da produção, estrutura-se para as relações comerciais. Em Poço Fundo o importante papel econômico da cafeicultura não é diferente, com isso possuem serviços como pequenas indústrias e cooperativa para atender a demanda local, isso ocorre pela monopolização do território, que criou essas necessidades de transformação no campo e nas cidades.

A cafeicultura no município tem gerado bons resultados e tem contribuído para a permanência dos agricultores no campo, porém não é em todos os casos e espaços que os

---

<sup>4</sup> Mestranda em Geografia na UFSJ . E-mail: [thaisdecassiasilvalemos19@gmail.com](mailto:thaisdecassiasilvalemos19@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor Doutor em Geografia na UNIFAL-MG. E-mail: [flamarion.dutra@unifal-mg.edu.br](mailto:flamarion.dutra@unifal-mg.edu.br)

produtores conseguem se inserir no modo de produção, levando os mesmos a necessidade de migrar à procura de melhores condições de trabalho e de vida. Porém nas cidades também existem as dificuldades, por isso a necessidade de ampliar as políticas públicas, para com que os mesmos consigam permanecer no campo.

Entre a migração, os jovens e mulheres são os que mais saem, diante das dificuldades do acesso à terra e pelos mesmos estarem inseridos no modelo patriarcal. Com isso tem levado ao um processo de migração seletiva e tem deixado o campo masculinizado e envelhecido, dificultando a reprodução social por meio da sucessão geracional. Ou seja, comprometendo que a agricultura familiar continue nas futuras gerações não somente no modo de produção, mas também nas questões culturais, que são compartilhadas.

A juventude é uma categoria com diversas discussões diante das pesquisas do país, porém voltadas aos jovens do espaço urbano. A inclusão dos jovens rurais nas políticas públicas, ocorreram de forma tardia, acarretando ao um grande êxodo rural. A juventude em si possui diversos desejos e anseios, que ocorrem diante das diversas possibilidades vividas, compreender que a juventude é múltipla é partir para o entendimento que suas decisões e escolhas também serão. São diversos fatores que influenciam nas decisões, sejam pelas dificuldades presentes no espaço agrário que o mesmo está inserido ou até mesmo das vontades individuais.

Porém compreender esse processo é garantir que os jovens tenham oportunidades de permanecer no campo diante dos seus interesses, pois mesmo que os pais dos jovens sejam agricultores, podem não possuir os mesmos desejos de continuar. Mas a migração ocorre mais pela falta de oportunidades no campo do que pelas vantagens da cidade.

Além de ampliar e criar políticas públicas que garantam a permanência dos jovens no campo, as cooperativas também possuem o papel de ajudar a criar estratégias para a permanência dos jovens no campo, pois os mesmos serão os futuros cooperados e produtores, então as cooperativas necessitam dos jovens para dar continuidade a produção. Esse é o caso da Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região (COOPFAM), inserida no município de Poço Fundo, localizado no sul/sudoeste de Minas Gerais, além de contribuir para a assistência técnica dos produtores, tem também criado projetos para participação e permanência dos jovens na cooperativa e no campo.

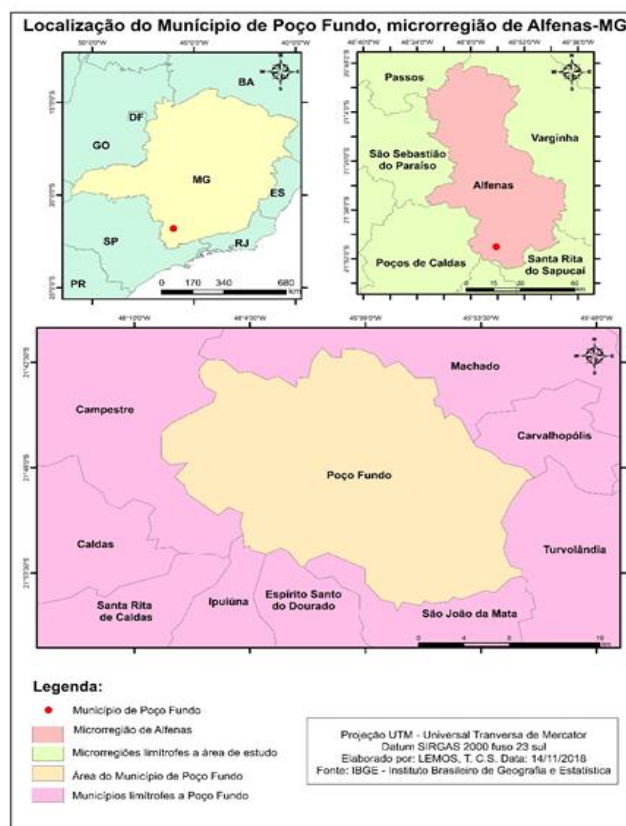
Assim este artigo, corresponde uma parte da dissertação de mestrado, que retrata sobre sobre a cafeicultura na agricultura familiar em Poço Fundo-MG, as estratégias e os

desafios da sucessão geracional pela COOPFAM. Assim a metodologia deste trabalho baseia-se na análise e discussão sobre a cafeicultura no município de Poço Fundo, com dados secundários retirados do IBGE, na plataforma SIDRA e também no site, Departamento Técnico e Socioambiental da Cooperativa. Com intuito de compreender sobre a dinâmica do café no espaço agrário do município e o papel da cooperativa nesse espaço. Além dos dados secundários ocorreu neste trabalho a análise das entrevistas realizadas com 14 jovens, filhos dos associados da COOPFAM, entre eles 7 jovens mulheres e 7 jovens homens, para compreender a relação dos mesmos com o campo e as perspectivas de permanência dos mesmos no campo.

Diante disso o objetivo do trabalho é discutir sobre a relação campo-cidade dos jovens rurais de Poço Fundo e a influência da cafeicultura nessa dinâmica.

### Caracterização da Área de Estudo

O município de Poço Fundo está situado na microrregião de Alfenas, dentro da mesorregião Sul/Sudoeste de Minas (Figura 1) com distância de 395 Km de Belo Horizonte e 266 km de São Paulo, no município passa a rodovia MG-179 que interliga Alfenas (50km) a Pouso Alegre (60km), duas cidades importantes na dinâmica populacional regional.



**Figura 1** - Localização Geográfica do Município de Poço Fundo-MG.

Fonte: IBGE, Elaborado: Thais Lemos.

O município faz divisa com os municípios de Machado, Espírito Santo do Dourado, São João da Mata, Carvalhópolis, Turvolândia, Campestre, Ipuiúna e Caldas. A área do município é de 474, 55 km<sup>2</sup> e possui um total de 15.961 habitantes, sendo que 9.285 (58%) residem na cidade e 6.679 (42%) no meio rural (IBGE, 2010).

O município está localizado na Bacia do Rio Sapucaí que integra a Bacia do Rio Grande, inserida nos estados de Minas Gerais e São Paulo. Apresenta características do Bioma da Mata Atlântica, o relevo do mesmo é denominado como mar de morros, os solos são classificados como latossolos e argilosos, e a características do solo ocorre uma variação no município, contribuindo para a diversidade de atividades agropecuárias (GONÇALVES, 2003). Sua geologia se predomina de granito-gnaise, migmatítico e Granulitos com vários tipos de litotipos (CÂMARA MUNICIPAL DE POÇO FUNDO, 2019). O município de Poço Fundo situa-se na APA do Rio Machado e nessa área está o Ribeirão do Machadinho que corta o município:

[...]ocorrendo os **Compartimentos de Morrotes, Morros e Montanhas e Morros com Encostas Suaves**, onde se instala o ribeirão do Machadinho a 880m. Os vales passam a ser assimétricos e em “V”, sendo o rio Machado, o ribeirão Machadinho e o ribeirão Pinhalzinho - ambos tributários da margem direita do rio Machado - os principais níveis de base. Localizados nestes compartimentos estão os municípios de Poço Fundo e Machado (FERREIRA, et al., 2019, p.52).

Os autores salientam que a APA do Rio Machado apresenta uma geomorfologia diversificada, o relevo se domina em conjuntos de morros, montanhas, morros com encostas suaves, morrotes, colinas e planícies, com em altitudes menores em torno de 730m, na planície do rio Machado e as maiores altitudes, em torno de 1480m.

O relevo contribui para a produção cafeeira, principalmente para a produção de cafês especiais, entre eles o orgânico, onde o município é destaque no país, com importante produção. A produção cafeeira tem contribuído para garantir o produtor rural no campo, mesmo que o mesmo se torna “refém” das relações comerciais e padronizações internacionais.

## **A Economia Local e o Papel da Cafeicultura**

A população rural do município de Poço Fundo, corresponde a 42%, porém mesmo que seja inferior a população urbana, a economia do município gira em torno das atividades rurais, sobretudo as agrícolas. A renda familiar é de um salário mínimo, com atividades principalmente no setor agropecuário, atividades como café, leite, hortaliças e fumo de corda.

As indústrias são de pequeno porte e oferecem pouca influência econômica para o município (LYRA, 2011).

O PIB per capita do município é de R\$15.355,67, o PIB Agropecuário é de R\$48.602,120,00, PIB Industrial é de R\$21.662,270,00 e o PIB de Serviços é de R\$106.694,240,00 (IBGE, 2017), apresentando o importante papel da agropecuária para a economia local. Entre as produções a de maior destaque é a cafeicultura, que além de contribuir economicamente para o município, possui importante relação para a permanência dos agricultores familiares no campo.

O número de estabelecimentos agropecuários de Poço Fundo é de 1.972, dessas 1.839 propriedades (93%) são de agricultores familiares e apenas 122 propriedades (7%), são de agricultores não familiares (IBGE, 2017). O tamanho das propriedades rurais que se destacam em áreas em pequenas propriedades (Tabela 1). Apresentando assim que o espaço rural de Poço Fundo é caracterizado por agricultores familiares de pequenas propriedades.

**Tabela 1** - Número de Estabelecimentos Agropecuários por Hectares no município de Poço Fundo-MG, 2017.

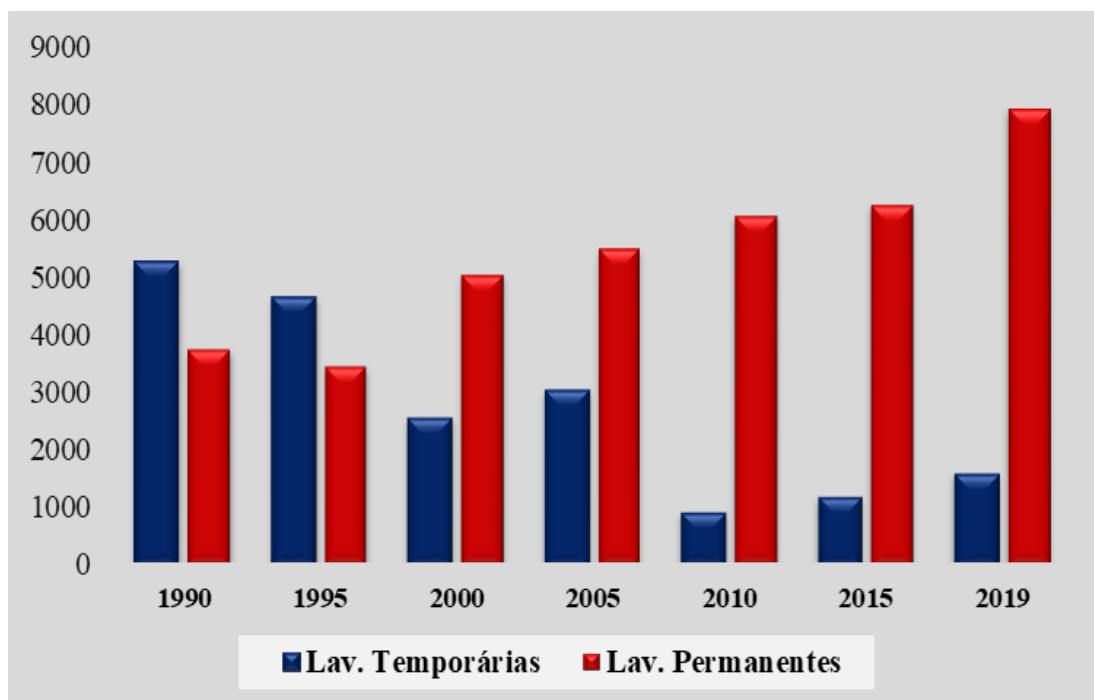
<b>Grupos de Área Total</b>	<b>Total</b>	<b>Agricultores Não Familiares</b>	<b>Agricultores Familiares</b>
Mais de 0 a menos de 0,1 ha	5	-	5
De 0,1 a menos de 0,2 ha	2	-	2
De 0,2 a menos de 0,5 ha	4	-	4
De 0,5 a menos de 1 ha	17	-	17
De 1 a menos de 2 ha	108	4	104
De 2 a menos de 3 ha	165	3	162
De 3 a menos de 4 ha	170	1	169
De 4 a menos de 5 ha	202	5	197
De 5 a menos de 10 ha	423	16	407
De 10 a menos de 20 ha	395	17	378
De 20 a menos de 50 ha	333	30	303
De 50 a menos de 100 ha	103	21	82
De 100 a menos de 200 ha	33	24	9
De 200 a menos de 500 ha	11	11	-
De 500 a menos de 1.000 ha	1	1	-
<b>Total</b>	<b>1.972</b>	<b>133</b>	<b>1.839</b>

Fonte: SIDRA, IBGE – Censo Agropecuário, 2017 – Elaborado por Thaís de Cássia Silva Lemos

As atividades econômicas relacionadas ao meio rural são de 77% direcionadas à agricultura, 22% na pecuária e 1% em outras atividades. Dessas atividades, 93% são realizadas pelos agricultores familiares. Entre as atividades direcionadas a agricultura, (94%) são de lavouras permanentes e apenas (6%) são temporárias (IBGE, 2017). A modernização agrícola modificou o modo de produzir no campo e conseqüentemente as culturas, com isso espaços onde eram destinados a produção diversificada, passa a produzir monocultura.

Na região do Sul de Minas o café ganha destaque, sendo a maior região com produção cafeeira do país, responsável pela a economia local de diversos municípios da região. Processo que não é diferente em Poço Fundo, pois no ano de 2019 foi produzido 9.375 toneladas de grãos de café em 7.923 hectares, o que contribuiu para 82% no rendimento da economia das lavouras permanentes. A área ocupada de produção dessas atividades é dividida entre 87% ocupada por lavouras permanentes e apenas 13% para lavouras temporárias.

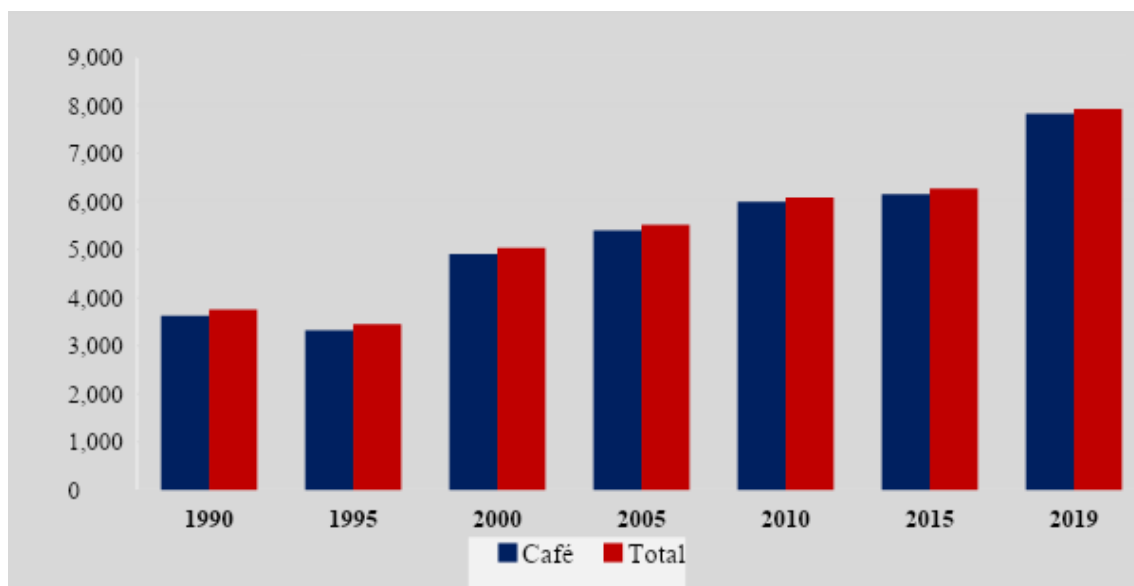
Como podemos observar no Gráfico 1, a área plantada das lavouras temporárias até 1995 eram superiores das lavouras permanentes, isso ocorreu pela entrada da produção cafeeira no município, como pode-se observar no Gráfico 2, na qual as lavouras permanentes crescem de acordo com o crescimento da área plantada de café.



**Gráfico 1 - Área Plantada de Lavouras Temporárias e Permanentes (hectares) no Município de Poço Fundo-MG (1990-2019).**

**Fonte:** SIDRA IBGE – Produção Agrícola Municipal – 2019, Elaborado por: Thaís de Cássia Silva Lemos

Esse processo é reflexo das políticas neoliberais criadas na década de 1990, que contribuíram para as dinâmicas do agronegócio e para a exportação. Período esse o sistema de *commodities* se intensificou no Brasil o que além de configurar o sistema econômico influenciou em novas relações regionais, criando assim novas dinâmicas territoriais, com produtos e preços padronizados mundialmente.



**Gráfico 2-** Crescimento Total e do Café das Lavouras Permanentes (Hectares) em Poço Fundo-MG (1990-2019).

**Fonte:** SIDRA IBGE – Produção Agrícola Municipal – 2019, Elaborado por: Thaís de Cássia Silva Lemos

O Estado criou políticas que facilitam as atividades das empresas, principalmente favorecendo o agronegócio e criando novas dinâmicas da divisão do trabalho (FREDERICO, 2012). Para o autor, além de serem políticas que favorecem a produção de *commodities*, elas desfavorecem os pequenos produtores locais. Afinal essas configurações alteram o modo de produzir e as relações comerciais, levando os produtores locais a se inserirem na produção regional, como forma de entrar no mercado competitivo e sucessivamente permanecer no campo.

Os produtores de Poço Fundo e demais lugares do país se inserem em novas dinâmicas da agricultura como forma de conseguir permanecer nos espaços rurais, atendendo os interesses mercadológicos mundial. A expansão agrícola configura-se e transforma os espaços rurais e as cidades, principalmente as cidades pequenas, que são configuradas para atender as novas dinâmicas rurais e alterar a economia local (CORRÊA, 2011). Lojas e empresas de tratores e insumos ganham cada vez mais espaços no território agrário. Além dessas empresas que atendem as necessidades dos produtores rurais, tem aquelas que

compram e vendem, criando novas configurações no espaço e alterando as relações entre campo e cidade.

O agronegócio possui uma relação estratégica no espaço, pois criam-se cadeias produtivas que necessitam de importantes investimentos do capital, com isso as relações no espaço são modificadas a fim de atender os interesses e dinâmicas do capital. O agronegócio muda as relações de uso e troca nos espaços rurais, para atender às ordens do mercado externo, o que é diferente do uso do território dados pelos produtores rurais (CONCEIÇÃO, 2015).

Quando a cafeicultura se insere no espaço agrário de Poço Fundo, ela substitui a produção de outras culturas, entre elas está o arroz e feijão, produtos considerados essenciais para a alimentação. A criação de políticas direcionadas ao agronegócio e a produção de *commodities*, faz com que os produtores tenham dificuldades de continuar produzindo essas culturas “essenciais”, com isso levando a falta deles, pois no primeiro momento a produção cafeeira contribui economicamente para economia local, porém por outra lado essa substituição de cultura, leva a falta desses produtos.

Na Tabela 2 é notável que durante os anos entre 1990 e 2019 as culturas vão perdendo área de produção e sucessivamente como observamos no Quadro 1, dando espaço para a cafeicultura, algumas das culturas tornam-se inexistentes como o alho e a Batata-doce que entre os anos de 2000 a 2010 não possuía área plantada.

**Quadro 1-** Áreas Plantadas (hectares) Produção Temporárias de Poço Fundo-MG – (1990-2019).

Produções	Anos						
	1990	1995	2000	2005	2010	2015	2019
Alho	4	2	1	-	-	-	-
Arroz (em casca)	790	670	30	45	5	-	1
Batata-Doce	6	6	.	-	-	20	30
Batata-Inglesa	14	-	102	55	25	61	50
Cana-de-açúcar	80	80	100	88	100	101	101
Feijão (em grão)	550	1600	650	540	80	105	150
Fumo (em folha)	400	160	140	.	.	-	150
Mandioca	20	20	20	15	15	-	2
Milho (em grão)	3400	2100	1490	2280	650	850	1050
Soja	-	-	-	-	-	-	12
Tomate	3	6	20	11	12	30	25

**Fonte:** SIDRA IBGE – Produção Agrícola Municipal – 2019, Elaborado por: Thaís de Cássia Silva Lemos

O arroz em 1990 possuía 790 hectares de produção, atualmente possui apenas 1 hectare, o feijão também obteve uma queda na qual em 1990 era de 550 hectares, atualmente

é de 101 hectares (IBGE, 2017). A diversificação produtiva foi dando espaço a atividades monocultoras, a área que era destinada para as lavouras temporárias foi reduzida em 70% em 30 anos, em 1990 era de 5.267 hectares oscilou em queda durante o período até 2019, onde atingiu 1.571 hectares (IBGE, 2017).

Silva, Santos e Lima (2001) relatam que os principais fatores que contribuíram para o crescimento agroindustrial do café no Sul de Minas foram pela existência de financiamentos, assistências técnicas, a inserção das novas tecnologias e aumento das exportações. A região possui a maior cooperativa de café do mundo a Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (COOXUPÉ) que potencializa ainda mais a produção cafeeira, pois o espaço cria relações que monopolizam as relações econômicas e de produção, conforme aponta Oliveira (2016, p.233): “A monopolização do território é desenvolvida pelas empresas de comercialização e/ou processamento industrial da produção agropecuária, que sem produzir no campo, controlam através de mecanismos de subordinação, camponeses e capitalistas produtores do campo”.

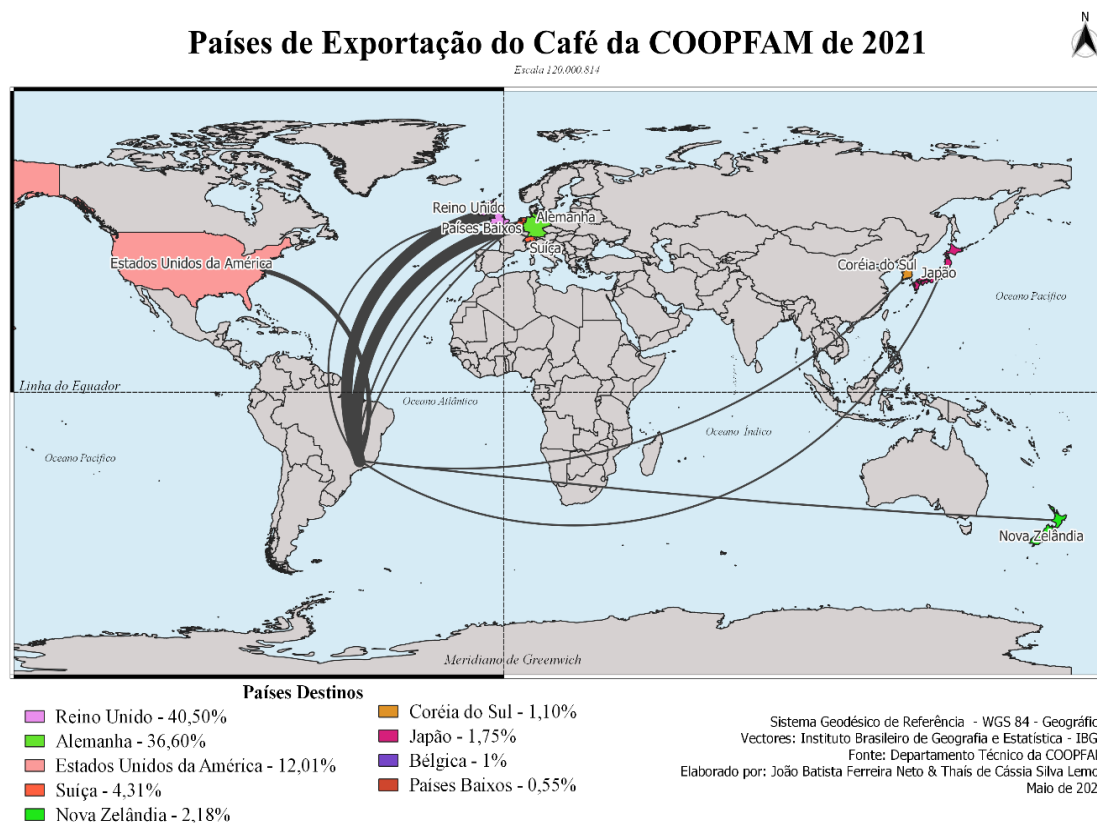
Entre as diversas cooperativas na região temos a Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região (COOPFAM), localizada no município de Poço Fundo, que além de inserir seus cooperados no mercado competitivo possui importante influência para a permanência dos produtores no campo, pois a mesma está inserida no *fair trade*, que entre as demandas está de dar vida digna e garantir a permanência dos produtores.

O *fair trade* – comércio justo é uma certificação que procura valorizar a produção dos agricultores, como forma de contribuir para a produção e qualidade de vida dos produtores rurais. Moreira, Nadai Fernandes e Freitas (2011) retratam que a certificação do *fair trade* é destinada a pequenos produtores de café, que estão inseridos em associações e cooperativas, a produção pode ser orgânica ou convencional. Porém para a produção convencional é necessário seguir uma lista de agrotóxicos que não podem ser utilizados, ou seja uma forma mais sustentável de produção.

A COOPFAM junto às multinacionais da região faz com que a produção cafeeira se insira em uma dinâmica global, atendendo os interesses internacionais e exportando para diversos países, contribuindo assim economicamente para o município de Poço Fundo. Assim como a cafeicultura é a produção dominante no município faz com que a cidade também dependa da produção economicamente. Assim a produção cafeeira tem contribuído para a permanência dos produtores rurais no campo, sobretudo com condições de renda, pela valorização dos seus produtos pelo comércio justo. Diante do importante papel da

cooperativa para a produção cafeeira, a mesma tem criado estratégias para garantir que os jovens rurais, a futura geração de cooperados e de produtores continuem no campo e principalmente na produção.

Na Figura 3, podemos observar os principais países de exportação cafeeira da cooperativa, mostrando a forma globalizada que o café se insere.



**Figura 3 - Principais Países de Exportação do Café da COOPFAM em 2021.**

Fonte: Departamento Técnico da COOPFAM. Elaborado por João Ferreira Neto e Thais de Cássia Silva Lemos (2022)

Assim a produção cafeeira tem contribuído para a permanência dos produtores rurais no campo, sobretudo com condições de renda, pela valorização dos seus produtos pelo comércio justo. Diante do importante papel da cooperativa para a produção cafeeira, a mesma tem criado estratégias para garantir que os jovens rurais, a futura geração de cooperados e de produtores continuem no campo e principalmente na produção. A sucessão geracional é uma pauta importante para as discussões agrárias, pois está comprometida pela saída intensiva dos jovens rurais e produtores de modo geral, diante das dificuldades presentes no campo. Com isso a cooperativa possui o papel de auxiliar e criar estratégias para a continuidade dos seus cooperados.

Sendo assim, a cooperativa possui uma responsabilidade social, com a necessidade de procurar alternativas e estimular a sucessão geracional de seus cooperados. Existem diversas causas que influenciam na não permanência dos jovens rurais, sejam elas as relações dentro da propriedade ou até mesmo as dificuldades econômicas. Quanto mais a cooperativa promover e mostrar possibilidades e melhorias de vida, maior será a permanência dos jovens. A COOPFAM, realiza diversos projetos com seus cooperados, principalmente com incentivo financeiro do *fair trade*, essas ações possibilitarão que os jovens consigam ter perspectiva na permanência, pela valorização e incentivo por parte da cooperativa. O interesse do comércio justo é exatamente fortalecer as relações familiares, preocupando-se com as futuras gerações e a continuidade da produção agrícola.

### **A Sucessão Geracional e Relação Campo-Cidade para Jovens Rurais**

Atualmente menos de 20% da população brasileira mora no espaço rural, ocorrente pela a saída dos agricultores de forma contínua do campo. Em um âmbito rural, o processo de urbanização ocorreu em todo mundo, porém de forma diferenciadas entre os países desenvolvidos e não desenvolvidos diante das políticas públicas ocorrentes para esse processo.

Porém no meio rural brasileiro ocorreram diversas mudanças, principalmente pelas políticas de modernização agrícola que favorecem os grandes e médios produtores (ZAGO; 2016). Um dos principais desafios da reprodução social da agricultura familiar é a sucessão geracional. A reprodução social dos agricultores é necessária para a continuidade técnica, econômica, ambiental e social no ambiente rural (WANDERLEY, 2000).

O processo de reprodução social ocorre pela continuidade das propriedades em torno das gerações, de forma intrafamiliar, por diferentes fases, entre elas a de sucessão geracional (SPANVELLO, 2011). Porém, o processo de reprodução social está comprometido em relação à sucessão geracional, pela migração de jovens rurais para os espaços urbanos. As modificações no campo e valorização dos espaços urbanos, contribuíram para a dificuldade na sucessão geracional e com isso a reprodução social dos agricultores familiares.

A falta de sucessores pode comprometer não somente a continuidade de agricultores familiares e suas atividades produtivas, mas também das comunidades rurais, que com o passar dos anos perdem sua população (MATTE; MACHADO, 2016). O processo

sucessório seria a transferência do poder do patrimônio, responsável por dar continuidade das atividades agrícolas e dos saberes culturais (STRAPASOLAS, 2011), porém está comprometido pois com a falta de perspectiva dos jovens de permanecer no campo, faz com que os mesmos não deseje em permanecer, ocorrendo a ruptura do processo.

A saída dos jovens do espaço rural, é um reflexo do despovoamento do campo, a não permanência está associada a diversos fatores. A escolha entre o ficar e sair, não está relacionada apenas em optar em não dar continuidade às atividades rurais da família, mas também pela valorização da educação e do trabalho remunerado fixo que ocorre fora da propriedade (CASTRO, 2005).

Possuem diversas justificativas para a não permanência dos jovens no campo, entre elas a relação campo-cidade. Porém, quando se fala da relação da cidade nesse processo de migração, é comum associar que o campo é um espaço “atrasado” e sem perspectiva e que a cidade é a melhor alternativa. Existe uma “ilusão” em relação a cidade, pois é vista com bons olhos diante das melhores condições de lazer, de trabalhos remunerados e férias. Porém alguns autores como Brumer (2007) e Sturmer (2008), retratam que mesmo que ocorra essa falsa ilusão em relação ao espaço urbano, a migração ocorre mais pelo insucesso do campo do que do sucesso da cidade.

Menezes; Souza e Pereira (2012), também discutem sobre o dilema entre permanecer e sair do campo e os processos de atração são responsáveis por isso:

A saída do jovem do meio rural coloca, em geral, em evidência, os elementos de atração da vida urbana como o trabalho remunerado, horários regulares de trabalho o que possibilita tempo livre para o lazer e estabilidade financeira, existindo uma relação mais atrativa, diferente do lugar de origem, onde as situações não são muito atraentes, como por exemplo: a falta de horários regulares, a falta de férias, a percepção da atividade agrícola como um trabalho penoso, onde o indivíduo se expõe ao calor e ao frio, sendo também uma atividade com rendimentos instáveis e mal remunerada (MENEZES; SOUZA; PEREIRA, 2012, p.3).

A juventude é múltipla e com isso as escolhas de cada jovem ocorrerá de acordo com suas perspectivas e desejos. É importante salientar que compreender sobre a sucessão geracional e as relações que envolvem em sua permanência entre elas a relação campo-cidade, não é delimitar apenas o jovem a permanência no campo, pois se seus pais são agricultores, os mesmos necessitam dar continuidade. Entender a importância da continuidade do jovem e as múltiplas relações que os mesmos estão inseridos, são necessárias para criar estratégias para que os mesmos possam a oportunidade de permanecer, se isso for o desejo, ou seja que o mesmo tenha a opção de dar continuidade a produção.

A migração para os espaços urbanos ocorre por diversos fatores, ter essa compreensão, contribuirá para criação de estratégias para as futuras gerações, como a criação de políticas públicas e organizações que se inserem na agricultura familiar (MATTE; MACHADO, 2016).

Permanecer ou migrar para os espaços urbanos vai depender das condições de vida onde o jovem está inserido, isso ocorre desde as vivências no campo ou até mesmo as oportunidades de trabalhos no espaço urbano da onde o mesmo reside. Brumer (2007), apresenta que as condições no ambiente rural são as que influenciam na tomada de decisão:

É certo que essa combinação do "melhor dos dois mundos" não depende exclusivamente da vontade do jovem, ao contrário, depende, primordialmente, das condições materiais (acesso a bens e serviços) do lugar onde mora, como também da possibilidade de realizar uma renda própria, ter um emprego que, de preferência, possibilite também a realização de um projeto profissional (BRUMER, 2007, p. 60).

Os pais também possuem influências na escolha dos filhos, pois se os mesmos não tiverem boas condições no campo, vão influenciar os filhos a migrarem para os espaços urbanos, para estudos e melhores oportunidades. Esse processo ocorre principalmente com as filhas mulheres, que geralmente não são escolhidas para serem sucessoras da propriedade. Assim as jovens mulheres são as que saem com maior frequência, diante da falta de oportunidades presentes no campo. Abramovay *et. al* (1998) descreve que processo com “viés de gênero” não está relacionada apenas às oportunidades e melhores condições de vida dos espaços urbanos, mas o papel subalterno nas propriedades familiares. Os rapazes são escolhidos e destinados à sucessão, dessa forma são ensinados os saberes administrativos, já as mulheres são consideradas a tarefas reprodutivas (BRUMER; ANJOS, 2012). Processo esse que também ocorre com suas mães, que são ensinadas desde a infância para as filhas mulheres.

Além da relação de gênero, os pais influenciam de modo geral os filhos a continuarem os estudos, Castro (2005) aborda que os discursos dos pais são perspectivas de mobilidade social, pois o trabalho rural aparece como inferioridade, a opção do de permanecer se baseia em um atraso e falta de opção para aqueles que não conseguem estudar.

O estudo torna-se então uma oportunidade de os jovens migrarem, alguns pesquisadores como Abramovay *et. al* (2001) e Ferrari *et. al* (2004) apresentam que a sucessão geracional está relacionada com os estudos, pois aqueles que possuem oportunidade de estudos não desejam retornar para o campo, permanecendo assim no campo aqueles que possuem baixo nível escolar.

A falta de estudos no ambiente rural também é preocupante, para Silvestro *et. al* (2001), os jovens que serão os sucessores possuem um atraso educacional, algo prejudicial, diante aos desafios que jovens enfrentam no futuro. É necessário criar propostas para aqueles jovens de idade escolar, mas também criar programas para aqueles que pararam de estudar, antes de concluir o ensino médio.

A relação educacional está também no primeiro contato dos jovens rurais com o espaço urbano, que ocorre desde a infância, pois com os fechamentos das escolas rurais faz com que os jovens necessitem migrar diariamente para estudar. Circulação que amplia as relações de rede e constroem novas redes sociais (CASTRO; 2005). Esse processo cria novas perspectivas com os ambientes urbanos, pois são apresentados como melhores e superiores ao campo, o que poderá resultar na migração definitiva dos jovens para as cidades.

Existe também o preconceito enfrentado por esses alunos por residirem nos espaços rurais, fator preocupante, pois os mesmos começam a colocar sua moradia rural como um fator negativo. Castro (2005) retrata sobre o cansaço dos jovens e as reclamações de preconceito, pois os mesmos ao chegarem cobertos de poeiras na escola, sofrem preconceitos de professores e colegas, que são classificados como “morar mal” e “chegou as poeira”.

É necessário criar mais Escolas do Campo, voltadas para conteúdo que valorizem as atividades rurais, não que sejam apenas localizadas no campo. As escolas no campo, mesmo que estejam localizadas no campo, possuem currículos das escolas urbanas, com isso não possuem uma valorização das atividades e modo de vida agrícolas. Já a Educação do Campo, além de se localizar no campo, também possui um currículo e dinâmica que valoriza as atividades, cultura e modo de vida dos produtores rurais.

Conti *et. al* (2012) retrata que o sistema educacional brasileiro desde muitos anos, foi voltado para atender e privilegiar as práticas urbanas, não preocupados em atender e desenvolver políticas para as necessidades do espaço agrário. As pautas de educação no campo, surge com as lutas para melhores condições. Os movimentos sociais, sobretudo o Movimento dos Sem Terra (MST), são responsáveis pelas pautas e discussões, para criação de políticas públicas voltadas para o campo.

A Educação no campo ocorre por meio dos movimentos sociais e da educação popular, que é mobilizada pelo povo, para educar o povo. Além de uma valorização das

atividades agrícolas a educação popular possui o objetivo de educar os educandos de forma crítica para a compreensão da exploração e as classes sociais, onde o latifúndio é dominante:

Porém esse processo não ocorre por parte da educação tradicional, que beneficia a classe dominante, ela nasce por meio dos movimentos sociais e mobilizações dos moradores locais, que se inserem na contrapartida da educação bancária e capitalista, pois esse movimento não surge dos interesses dos dominantes, principalmente em um país com a bancada ruralista e movimentos que favoreçam o latifúndio: Do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultadora de verdades. Toda vez, porém, que a conjuntura o exige, a educação dominante é progressista à sua maneira, progressista “pela metade”. As forças dominantes estimulam e materializam avanços técnicos compreendidos e, tanto quanto possível, realizados de maneira neutra (FREIRE, 2003, p.28).

A classe dominante não possui interesse de criar políticas voltadas para a Educação do Campo, afinal a Bancada Ruralista presente no congresso jamais aprovaria uma educação voltada para o povo e que seria um movimento de luta e de entendimento sobre a exploração da parte dominante, resultando em uma luta coletiva pela Reforma Agrária. Assim, permanecer no campo torna-se uma forma de resistência diante da exploração aos produtores e as dificuldades de permanência.

Outro momento da relação dos jovens rurais com a cidade é por meio do mercado de trabalho. A renda é um dos elementos que contribuem para a tomada de decisão dos jovens em permanecer no campo, pois no lugar onde os mesmos tiverem condições de permanecer, os mesmos optaram em ficar, diante das condições financeiras. Porém a autonomia financeira rural para os jovens ocorre de forma diferente, visto que os mesmos trabalham de forma familiar e diversas situações não possuem direito a parte da renda, já que a renda é familiar, fazendo com que o mesmo não possua autonomia financeira. Os jovens então se tornam dependentes financeiramente dos seus pais, por não possuírem renda própria, suas atividades na propriedade fazem parte da “ajuda familiar”, conseqüentemente eles necessitam de pedir dinheiro para os pais, seja para comprar algo de uso pessoal ou para alguma atividade de lazer (STÜRMER).

O acesso à terra também interfere no processo de renda, pois diante da forma da distribuição de terras no país, os jovens rurais na agricultura familiar, possuem direito à terra por meio de herança, que ocorre apenas com a falta do pai, responsável pelas demandas de produção diante das relações patriarcais:

Fica reservado ao homem realizar a ligação fundamental com a terra, garantindo a ele o poder de deliberação sobre a produção, a forma de produzir, por quem e quando produzir. Dada esta sua responsabilidade de comando, os méritos

financeiros e, portanto, os resultados em termos de capital, quando positivos, ficam reservados a ele (LUSA, 2012, 98).

Diante disso as atividades no espaço urbano são vistas como melhores, pela relação do trabalho remunerado. Os trabalhos nos espaços urbanos normalmente garantem um salário fixo, direitos trabalhistas, férias, o que é visto com bons olhos pelos jovens rurais. Stürmer (2008), destaca outros aspectos negativos apontado pelos jovens:

Entre os aspectos negativos, são destacados: a ausência de férias, de fins-de-semana livres e de horários de trabalhos regulares; a atividade agrícola penosa, dura e difícil, submetendo os trabalhadores ao calor e ao frio e a posições de trabalho pouco confortáveis; e os rendimentos baixos, irregulares e aleatórios; além de pouca opção para diversão (STÜRMER, 2008, p.99).

Stürmer (2008), também aponta que os jovens também sofrem dificuldades nos ambientes urbanos, com relatos de muitas horas trabalhadas e o alto custo de vida. Portanto as relações presentes no ambiente que os mesmos estão inseridos vão definir a decisão dos mesmos em migrar ou permanecer no campo, tudo vai depender do que o campo ou a cidade tem a oferecer. Por isso a necessidade de criar estratégias para que jovens consigam ter a oportunidade de dar continuidade às atividades agrícolas e sobretudo permanecer no campo.

### **As Condições de vida Jovens Rurais de Poço Fundo**

A modernização agrícola alterou o modo de produzir e o que produzir, alterando as questões regionais, que se adaptaram para atender os interesses da ótica capitalista. Porém nem todos os produtores tiveram condições na produção modernizada e com isso houve a necessidade de migrar para as cidades, à procura de melhores condições. Esse processo ocorre até os dias atuais, visto que as dificuldades ainda são frequentes no campo. A população rural em todo país representa apenas 15,6%, uma queda de 2 milhões de pessoas em comparação aos dados de 2000 e 2010 (IBGE, 2000 e 2010). No estado de Minas Gerais apenas 17,24% (IBGE, 2010) da população é rural, mesmo que possua diversos municípios que dependem da produção agropecuária para economia, a população rural é bem inferior do que a população urbana.

Mesmo com a transformações presentes no espaço agrário ocorreram em todo país, as dinâmicas de permanência e perspectiva de vida no campo, ocorreram de acordo com as relações presentes em cada lugar, seja elas as relações que os indivíduos possuem com o espaço e principalmente a renda e modo de vida dos produtores.

As relações campo-cidade são um dos principais eixos da construção da perspectiva dos jovens em suas expectativas de permanência. As oportunidades de estudos, de trabalho como já mencionado são pontos atrativos para a migração desses jovens.

A mobilidade com espaço urbano dos jovens pode se dar diariamente ou semanalmente diante das necessidades dos mesmos com o ambiente urbano. Dos jovens entrevistados, 43% residem parcialmente nos espaços rurais e 57% residem apenas no espaço rural. Os que residem parcialmente na propriedade rural, ocorre por conta dos estudos e trabalho, que dificulta os mesmos se deslocarem todos os dias para o espaço urbano, retornando para o espaço rural aos fins de semana.

Dos 43% que residem parcialmente no espaços rurais, 33% deles residem em outro município, no caso de Poços de Caldas (99,1 km de distância do município), por fazerem faculdade e a distância entre os municípios impossibilitam que os mesmos se desloquem diariamente para o município, como ocorre com os demais jovens, que migram diariamente para os municípios de Alfenas (49,5 km de distância) e Machado (16 km de distância) diariamente para os estudos, que pela distância dos municípios é mais viável o deslocamento diário.

Dos entrevistados 71% deles estão cursando, seja universidade ou curso técnico, como apresentado no quadro a seguir. Os demais 29% não cursam nenhum tipo de universidade ou curso técnico, porém ambos finalizaram o Ensino Médio, apenas um dos que não estudam relataram não possuir vontade de realizar algum curso, os demais relataram que no momento não pretendem, porém ambos sabem da importância dos estudos, principalmente para cursos que possam contribuir para a produção familiar da cafeicultura. O curso citado por desejo deles é de Agronomia.

**Quadro 2** - Instituições e Curso que os Jovens Entrevistados cursam

Cursos Técnicos/Universitários	Instituição/Município
Ciências Biológicas	IFSULDEMINAS Campus Machado
Direito	PUC Minas - Campus Poços de Caldas
Técnico em Agropecuária	IFSULDEMINAS Campus Machado
Administração	UNOPAR - Machado

Cursos Técnicos/Universitários	Instituição/Município
Ciências Biológicas	IFSULDEMINAS Campus Machado
Matemática	UNIFAL - Campus Alfenas
Psicologia	PUC Minas - Campus Poços de Caldas
Administração	IFSULDEMINAS Campus Machado
Estética	UNIFENAS - Campus Alfenas
Técnico em Agropecuária	EFA - Natalândia
Técnico em Agropecuária	EFA - Natalândia

Fonte: Trabalho de Campo e entrevistas onlines 2022

O processo de migração desses jovens para os espaços urbanos, por conta dos estudos, pode alterar e modificar as relações dos mesmos diante ao espaço rural, pois são apresentados aos novos modos de vida, de lazer, que podem ser vistos como melhores do que os do ambiente urbano. A vida universitária modifica a percepção dos estudantes diante ao mundo, durante os anos os mesmos podem mudar suas perspectivas de vida, diante dos novos rumos que suas vidas forem apresentadas. Menezes, Souza e Pereira (2012), apresentam que os jovens que ingressam ao ensino superior, passam por mudanças no modo de agir, pensar, diante das experiências na vida acadêmica, formações que podem distanciar do modo de vida da vida rural. Algo que é comum, afinal nem todos os cursos dos jovens entrevistados nesta pesquisa são de cursos voltados para as dinâmicas rurais.

Diferentemente do que acontece com os jovens da pesquisa apresentada por Abramovay (1998), os jovens da COOPFAM, mesmo que tenham finalizado a educação básica ou até mesmo estejam cursando uma universidade, possuem o desejo de permanecer no espaço rural, seja como produtor ou até mesmo para contribuir com o gerenciamento da propriedade. A cooperativa possui reflexo na continuidade dos jovens aos estudos, visto que a mesma possui parceria com algumas instituições entre elas o IFSULDEMINAS Campus Machado, município vizinho de Poço Fundo. Uma das exigências da cooperativa para seus cooperados é que os filhos dos cooperados terminem ao menos o Ensino Médio, como forma de que os mesmos incentivam os filhos a continuarem estudando.

Os jovens assim acabam criando um interesse em dar continuidade aos estudos, principalmente para aplicar os conhecimentos na propriedade, como menciona uma das entrevistadas.

O intuito de eu entrar no curso de administração foi esse, aprender umas técnicas na faculdade, que eu pudesse administrar o meu café, minhas coisas e minha propriedade... Foi por conta do meu pai que eu escolhi o curso de administração, porque ele falou para eu fazer e ajudar ele com as coisas na propriedade. Ele me incentivava pois para ele estudar era importante, pois ele não havia estudado e isso fez falta para ele, pois essa parte de lidar com o papel, essas coisas assim, ele tinha dificuldade e ele pedia para eu estudar, para ajudar ele nessa parte (J, 20 anos).

O que foi notável durante as entrevistas mesmo aqueles jovens que deram continuidades aos estudos, existe o desejo de permanecer no campo, apenas um dos 14 jovens entrevistados relatou que não deseja sucessor de seus pais, porém por outro lado ele possui o desejo de continuar produzindo no campo, porém de forma menor. Os outros jovens que também cursam demais cursos, que não estão voltados à produção agrícola, também possuem o desejo de voltar para o campo, mesmo realizando a profissão que estão formando.

Isso é reflexo da construção do indivíduo com o espaço que está inserido. Os agricultores familiares, são inseridos no modo e meio de produção desde crianças, onde suas relações ocorrem por meio do trabalho dos pais, da relação com os familiares e vizinhos, suas relações ocorrem naquele espaço, de que forma afetuosa os mesmos criam uma relação de pertencimento. O espaço rural diferentemente é organizado pelos seus habitantes em seus laços familiares e de vizinhança, o campo é construído a partir das relações desses sujeitos que habitam. A relação de pertencimento dos mesmos com o campo, faz com que os mesmos tenham esse desejo de retornar ou continuar no campo, isso repercute na fala dos mesmos, que retratam que o campo é o lugar deles e que não se vêm morando em outro lugar.

As dinâmicas de lazer também fazem parte das questões e relações com o lugar. Pela pouca alternativa de lazer no espaço rural, a cidade torna-se um atrativo nesse quesito, seja pelas maiores oportunidades ou até mesmo pelos ciclos de amizades. O lazer faz parte da construção da identidade desse jovem, fazendo parte ferramenta social desse jovem, suas relações com demais jovens sejam eles nos espaços urbanos ou até mesmo no seu bairro rural, será responsável por contribuir para a construção individual de cada jovem. Oliveira fala sobre as poucas opções de lazer no campo:

Em relação aos moradores do campo, o lazer precisa ser observado com um olhar mais atento, pois ao contrário dos centros urbanos, no meio rural são poucas (e/ou outras) as opções de lazer disponibilizadas, assim como são poucos os estudos que tratam diretamente o lazer para as pessoas residentes no campo. Podemos afirmar que o que vem acontecendo é que o interesse dos jovens vem se transformando diante da diluição das fronteiras entre campo e cidade, onde os modos de lazer da cidade se tornam mais atrativos para os jovens rurais do que os do campo. Diante deste cenário faz-se necessário uma reflexão a respeito das possibilidades de se ampliar às formas de lazer no campo, de forma a responder o interesse dos jovens em contato com outros valores que os têm aproximado dos jovens da cidade (p.57).

Para os jovens entrevistados o lazer está associado aos encontros com os amigos, namorados, familiares, que ocorrem tanto nos espaços rurais como nos espaços urbanos. Por se tratar de uma cidade pequena os espaços e diversidades de lazer também são limitadas, não possuindo muitas variações como ocorrem nas médias e grandes cidades.

A renda como já mencionado é um dos fatores que levam a migração dos jovens para as cidades, porém a cafeicultura do município tem contribuído para a continuidade dos produtores no campo, sobretudo dos jovens que têm observado o resultado dos pais diante da produção cafeeira.

A relação dos jovens com a cafeicultura começa desde sua infância, onde os mesmos acompanham seus pais na produção, além de ser uma produção que ocorre dentro da propriedade, onde os mesmos estão presentes no ambiente, faz com que ocorra uma relação de proximidade com a produção. Criando uma relação com a produção e ambiente rural, afinal essa produção faz parte do modo de vida de sua família.

As produções agrícolas possuem fatores climáticos que podem interferir na produção, sucessivamente na renda, ao perguntarem para os jovens sobre as maiores dificuldades presentes no ambiente rural, na maioria das respostas os mesmos falavam sobre as questões climáticas, que podem afetar o modo de produção, além de se tratar de um trabalho mais pesado, bruto e cansativo. O trabalho no campo é cansativo, a renda é incerta, pois ela ocorre anualmente e por diversos fatores como produção, cotação, ela pode se diferenciar, o que também é visto como uma das dificuldades de permanência no campo, por essa oscilação dos preços.

O Brasil diante das crises políticas e econômicas vivenciadas atualmente, tem gerado grandes índices de pobreza e de fome. De acordo com a Oxfam Brasil em 2022, 33,1 milhões de pessoas não têm o que comer, com um aumento de 14 milhões de novos brasileiros em situação de fome em menos de um ano. A pesquisa realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa

e Soberania Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN), mostram que 58,7% da população brasileira convive em segurança alimentar em algum grau, levando o país a regredir o patamar equivalente na década de 1990 (OXFAM BRASIL, 2022). Porém a fome também atinge a agricultura familiar, o Inquérito Nacional sobre Insegurança alimentar apresentou em seu relatório em 2022, que 22% dos agricultores familiares estão atingidos pela fome. Isso ocorre pela falta de políticas públicas voltadas para os agricultores familiares, pois em contrapartida à fome dos agricultores familiares, o agronegócio tem crescido, com aumento nas exportações, de acordo com IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica), que entre janeiro a abril de 2022 o agronegócio registrou um superávit de US\$ 43,7 bilhões, com um crescimento de 34,9% das exportações em relação ao ano anterior.

Mesmo diante das dificuldades presentes no campo a cafeicultura no município tem gerado bons resultados para os produtores e é vista como alternativa para os jovens, que já fazem parte da produção cafeeira, 64% dos entrevistados produzem de forma individual e 36% de forma coletiva com os pais, porém por se tratar de uma produção familiar, ambos contribuem para a produção. Dos que produzem individualmente 70% deles é de produção de café orgânico, produção que possui um valor mais agregado no produto final e que tem contribuído para a inserção dos produtores na produção cafeeira pelo custo baixo de produção e assim na continuidade dos mesmos no campo.

Uma forma de incentivar os filhos a continuarem na produção e se tornarem sucessores é separando uma parte dentro da propriedade para a produção dos filhos, em relação aos entrevistados, 87% relataram possuir um espaço dentro da propriedade para a produção, não necessariamente para a produção cafeeira, entre essa porcentagem está homens e mulheres, não ocorrendo uma divisão de gênero em relação a produção e sucessivamente da sucessão geracional. Os outros 13% não possuem, porém desejam em algum momento ter um espaço na propriedade para a produção.

Além do incentivo dos pais, existe o incentivo da cooperativa, que possui um Grupo de Jovens, que são inseridos filhos de cooperados e jovens de modo geral, até mesmo jovens residentes do espaço urbano, como forma de promover o comércio justo, com criação de diversos projetos que integram os jovens dentro da cooperativa. Porém para os jovens que possuem produção cafeeira a cooperativa tem estruturado um projeto que vai contribuir e custear a produção cafeeira desses jovens.

Ao serem questionados sobre o futuro deles na cafeicultura e na propriedade, o desejo dos jovens é continuarem na produção cafeeira mesmo que em menor proporção por

dar continuidade aos estudos ou pela profissão que ambos também desejam exercer. Porém para aqueles que querem e desejam continuar com a produção cafeeira, no futuro existe o desejo de aumentar e ampliar a produção, com maior espaço para a produção.

A cafeeicultura para esses jovens faz parte do modo de vida deles, o desejo de continuarem na produção e no modo de cultivo dos pais é algo que os mesmos esperam para o futuro, mesmo que em conjunto realizem outras funções. Por isso a necessidade de políticas públicas para a continuidade dos jovens no campo, pois para que os mesmos possam a oportunidade de permanecer no campo se for do desejo.

A produção cafeeira no município tem gerado bons resultados tanto diante da economia do município, mas também na garantia da sucessão geracional.

### **Considerações Finais**

O êxodo rural é contínuo, visto que a população rural continua saindo do campo diante das dificuldades presentes. Essa migração ocorre de forma seletiva, pois os que saem com maior frequência são os jovens e as mulheres. Essa migração por parte dos jovens, tem comprometido a sucessão geracional, que é vista como um importante elemento para a continuidade dos agricultores familiares, não somente na produção, mas também as questões culturais e sociais, que são comprometidas com a saída dos jovens. A sucessão não é apenas para mudar a ordem e dono do patrimônio, mas é dar continuidade ao modo de vida dos produtores.

A renda é um dos principais fatores de permanência da agricultura familiar, pois onde os produtores conseguem se manter, a permanência é garantida. A falta de oportunidades no campo, faz com que o espaço urbano seja visto como a melhor alternativa, levando a migração dos jovens, que são inseridos no ambiente urbano desde o processo educacional, transformando a relação dos mesmos com a cidade.

Porém, a vivência no ambiente rural também contribui para a relação dos mesmos com o lugar, fazendo com que a decisão de permanecer ou migrar ocorra não em um aspecto geral, mas de dinâmicas de o que aquele espaço oferece para esse jovem, seja no ambiente rural ou urbano, pois em situações de cidades pequenas, que não possuem muitas ofertas de emprego, migrar também não torna-se a solução. Além disso, os desejos individuais também influenciam na tomada de decisão, afinal o jovem pode ter outros desejos e anseios de vida além de dar continuidade a produção agrícola dos pais.

O desejo de permanência dos jovens entrevistados está relacionado a três fatores importantes, o primeiro direcionado a produção cafeeira no município que tem gerado bons resultados para a renda familiar e para a economia do município; segundo fator direcionado ao papel da cooperativa e os projetos realizados para fortalecer a permanência dos jovens no campo e a qualidade de vida dos produtores de modo geral e terceiro e último fator a relação de pertencimento dos jovens com o local, fazendo com que os mesmos desejem permanecer pelas relações afetivas com o lugar. Pois para eles o seu lugar é o campo, mesmo aqueles que desejam dar continuidade a outras atividades, ainda desejam continuar produzindo o café, pois a produção faz parte do modo de vida dos jovens rurais de Poço Fundo.

Diante disso criar novas oportunidades de produção e permanência dos jovens rurais no campo, contribuirá para a reprodução social da agricultura familiar, visto que eles possuem desejo de permanecer no campo, o que influencia são as oportunidades diante de cada lugar e a relação dos mesmos com o campo e com a produção.

### Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, R, *et al.* **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios.** 1998.

ABRAMOVAY, R. *et al.* Agricultura familiar e sucessão profissional: novos desafios. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural.** 2001.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. (Org). **Juventude rural em perspectiva.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.35-51.

BRUMER, A; ANJOS, G. Gênero e reprodução social na agricultura familiar. **Revista Nera,** n. 12, p. 6-17, 2012.

CÂMARA MUNICIPAL DE POÇO FUNDO. **Caracterização do Município de Poço Fundo.** Disponível: <http://camarapf.mg.gov.br/volume-ii-caracterizacao-do-municipio-de-poco-fundo/>. Acesso 12 de Maio de 2021.

CASTRO, E G de. O Paradoxo ‘Ficar’ e ‘Sair’: caminhos para o debate sobre juventude rural. **Assentamentos Rurais: impasses e dilemas (uma trajetória de 20 anos),** 2005.

CONTI, Valquiria et al. O papel da escola na formação dos guardiões mirins das sementes crioulas de Ibarama–RS. **XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária “Territórios em disputa: os desafios da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro,** 2012.

CORRÊA, R. L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP.** São Paulo, n.30, 2011. p. 05-12.

FERRARI, D. L., et al. Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2004, vol. 12, no 2, p. 237-271.

FERREIRA, M. F. M., et al. Geomorfologia da Área de Proteção Ambiental do Rio Machado, Sul de Minas Gerais. **Caderno de Geografia**, 2019, vol. 29, no 1, p. 36-57.

FREDERICO, S. Imperativo das exportações e especialização agrícola do território brasileiro: das regiões competitivas à necessidade de regiões cooperativas. **Geografia**, v. 37, n. 1, p. 5-18, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e terra, 2014.

GONÇALVES. A. **Agroecologia, saber local e mercado-um estudo sobre a Agricultura Familiar de Poço Fundo-MG**. Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras como parte da exigência do curso de Mestrado em Administração. Área de concentração em Gestão Social. Ambiente e Desenvolvimento, para obtenção de mestre. Lavras, 2003, p.195.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades: Minas Gerais Poço Fundo** 2010. Disponível: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/poco-fundo>>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo agropecuário** 2006. Disponível: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro\\_2006.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf)>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sidra**, 2018. Disponível: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pms/brasil>. Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

LUSA, M.G. Relações De Gênero No Campo: A Superação Dos Papéis Tradicionais Como Desafio À Proteção Social Básica E O Papel Dos Assistentes Sociais. **Gênero**, Niterói, v.13, n1, 2012, p.93-107.

LYRA, A.C. Da Fazenda à Cidade. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. V. 13, n.1. 2013, p.137-150.

MATTE, A; MACHADO, J. A. D. Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no sul do Brasil. **Revista de Estudos Sociais**, v. 18, n. 37, p. 130-151, 2016.

MENEZES, A. E. N; DE SOUZA, B. S.; PEREIRA, V. S. S. Perspectivas da juventude rural no ensino superior. **VI Colóquio Internacional de “educação e contemporaneidade”**. São Cristovão-SE, 2012.

MOREIRA, C. F; NADAI FERNANDES, E. A.; FREITAS VIAN, C. E. Características da certificação na cafeicultura brasileira. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 13, n. 3, 2011.

OLIVEIRA, A. U. **Mundialização da Agricultura Brasileira**. São Paulo: Iandé Editorial, 2016.

OLIVEIRA, E. G. de. O lazer e a melhoria da qualidade de vida dos jovens rurais de São João Evangelista-MG. Caratinga-MG, 2006.

SPANEVERELLO, R. M. et al. A migração juvenil e implicações sucessórias na agricultura familiar. **Revista de Ciências Humanas**, v. 45, n. 2, p. 291-304, 2011.

SILVESTRO, M. L. et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri, 2001.

STRAPASOLAS, V. L. Os Desafios da Sucessão Geracional na Agricultura Familiar. **Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p.26-29, 2011.

STURMER, N. R. **O mundo rural em transformação: possibilidades e perspectivas para os filhos de agricultores familiares em Barra Bonita (SC)**. 2008. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia.

WANDERLEY, M.N.B. A Valorização da Agricultura Familiar e a Reivindicação da Ruralidade no Brasil. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Editora da UFPR, nº2, p.29-37, 2000.

ZAGO, N. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. **Revista Brasileira de Educação**, 2016, vol. 21, p. 61-78.